

SERÁ A DIALÉTICA UMA FERRAMENTA DE ENSINO?

SOUZA, Silas Meir de¹
RU 1162890
WANSING, Andressa²

RESUMO

A seara escolhida é a do conhecimento, teve como proposta principal o entendimento de dialética em Hegel. Visou tirar dele uma ferramenta para o ensino, propôs a dialética hegeliana como o primeiro contato do estudante com a filosofia, atingindo outros autores, observando o pensamento historicamente construído. Utilizou Hegel e seu entendimento de realidade, observando oposições como formadora da realidade, com isso este forjara a dialética moderna, criando uma tríade entre: tese, antítese e síntese, em que a síntese é a junção das anteriores que forma a nova tese, e assim sucessivamente, expandindo o leque de possibilidades através dessa iniciação. Utilizando o método bibliográfico, exploramos o olhar hegeliano de síntese nas oposições, explicando uma realidade em movimento, propondo esta como passageira constante vir a ser. Através da dialética observamos o berço desse pensamento, passando rapidamente por Heráclito, Demócrito, Kant, Marx, Nietzsche e Gadamer, observando oposições em pensadores importantes do passado, aplicados tanto para explicar sentimentos, entendimento de sociedade, crítica a correntes epistemológicas, atingindo a hermenêutica e a filosofia da mente, assim, oportunizou a avaliação da pergunta: Será a dialética uma ferramenta de ensino?

Palavras-chave: Dialética moderna. Explicação. Realidade.

INTRODUÇÃO

O professor de filosofia se depara diariamente com a problemática do ensino, aqui proponho um caminho opcional a percorrer com o estudante, numa busca de ampliação de seu horizonte.

A seara escolhida é a do conhecimento, por ser ampla e vasta existe a necessidade de delimitação, então a proposta terá como recorte principal o entendimento de dialética em Hegel. Esta é usada na filosofia há muito tempo,

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER – Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. 2º semestre – 2017.

² Professora Orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

logo não será algo novo, não se trata de uma nova descoberta, apenas propõe o uso em sala de aula, como forma de apreensão pelo iniciante.

Por ser um professor, Hegel marca a sua época, seu pensamento visa à área do ensino-aprendizagem no mais alto nível, este olhar para o referido filósofo tem o recorte do ensino, seu olhar para transmissão do conhecimento. Não é a proposta esgotar o assunto, mas tirar dele uma ferramenta para o ensino, claro que o professor de filosofia deverá possuir muitas delas, aqui apresento a possibilidade para uma.

O tema pesquisado refletiu sobre a utilização de uma ferramenta prática, propondo a dialética hegeliana como o primeiro contato do estudante com a filosofia, desse ponto, irradia-se o pensamento filosófico através da história, passando rapidamente pelos pré-socráticos, atingindo: Platão, Kant, Marx e Gadamer, objetivando a apropriação do saber já elaborado e a partir destes, aprofundando-se no pensamento historicamente construído.

O artigo analisa a dialética moderna como uma ferramenta de explicação da realidade e se esta constitui-se como uma metodologia de aprendizagem, um olhar mais profundo de entendimento desta.

Oportuniza a reflexão dialética sobre alguns pensadores do passado, na tentativa de produzir gosto pelo pensar.

Através do método bibliográfico propõe o primeiro contato com o pensamento filosófico, expandindo o leque de possibilidades através dessa iniciação. Assim, o professor parte de Hegel e amplia a visão através desse olhar, partindo para pensadores influentes que construíram a História.

Este é apenas um recorte para auxílio ao docente em sua perspectiva de ensino, Hegel têm muitas outras colaborações a serem exploradas.

A DIALÉTICA MODERNA

O dicionário Aurélio online de português assim significa a dialética: “Arte de raciocinar com método. Lógica. Argumentação sutil. Argumentação engenhosa”. A direção apontada aqui é que a dialética faz parte da lógica, esta usa de sutileza na argumentação.

Já o dicionário brasileiro de língua portuguesa Michaelis online, assim define dialética: “a arte de discutir, de desenvolver raciocínios e apresentar

argumentos com os quais se pretende esclarecer uma questão ou fazer valer um ponto de vista”. Esta definição apresenta a discussão como parte da dialética, assim, inicia-se várias referências apontando seu entendimento de dialética e sua aplicação.

Quando se observa a realidade, alguns pensadores a descreveram como momentos passageiros, constante mudança, nesse olhar de superação e transitoriedade, Prado (2010, p.107), observa:

O exame da história universal nos revela que os homens e as civilizações são momentos transitórios. Homens nascem e morrem, impérios surgem e desaparecem. A história não é estática, pronta e acabada, mas ela é movimento e mudança permanente, puro devir.

Assim, pensadores observaram mudanças no mundo, isso não foi com apenas um destes, mas vários, um deles é Hegel. Conforme Ferreira (2015, p. 255), Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Estugarda em 1.770, atuou como professor universitário nas cidades alemãs de Frankfurt, Berna, Nuremberg e Berlim. cursou Teologia e Filosofia, viveu em um tempo conturbado onde as forças napoleônicas marchavam pela Europa.

Observe o olhar hegeliano para a realidade e suas mudanças:

O botão desaparece no florescimento, podendo-se dizer que aquele é rejeitado por este; de modo semelhante, com o aparecimento do fruto, a flor é declarada falsa existência da planta, como fruto entrando no lugar da flor como a sua verdade. Tais formas não somente se distinguem, mas cada uma delas se dispersa também sob o impulso da outra, porque são reciprocamente incompatíveis. Mas, ao mesmo tempo, a sua natureza fluída faz delas momentos da unidade orgânica, na qual elas não apenas não as rejeitam, mas, ao contrário, são necessárias uma para a outra, e essa necessidade igual constitui agora a vida do inteiro. (FERREIRA, 2015. p. 252)

Logo este observa uma variação na vida da planta, passagens na unidade orgânica, sucessão de acontecimentos, é o movimento na realidade sob seu olhar.

Também, soma-se a isso algo chamado por Hegel como mutação:

A categoria da mutação é uma meditação sobre as ruínas. Esta incessante sucessão de indivíduos e povos existindo por algum tempo e desaparecendo em seguida nos apresenta um pensamento universal, uma categoria: a da mutação, em geral. Para compreender essa mutação em seu lado negativo, temos apenas de olhar para as ruínas do esplendor passado. Que viajante não se emocionou com as

ruínas de Cartago, Palmira, Persépolis ou Roma, entristecendo-se ao pensamento de uma vida florescente e cheia de energia agora encerrada? (PLEINES, 2010, p.91)

Focalizamos aqui este olhar de movimento, a mutação na realidade, na sucessão de povos como se observa no caso das ruínas antigas.

Hegel é o teórico base e seu entendimento de realidade é dialético.

Hegel via na filosofia o passaporte da consciência comum para o absoluto. A filosofia é a ciência do absoluto, e este somente pode surgir na consciência pela elevação desta. O instrumento que proporciona a elevação é a dialética. (FERREIRA, 2015 p. 255)

Quanto à compreensão da dialética hegeliana, Chinazzo (2013, p. 122), afirma que:

A realidade move-se dialeticamente e a filosofia hegeliana vê em tudo a tríade formada por tese, antítese e síntese, em que a síntese é Aufheben, isto é, superada e guardada. É importante salientar que a tríade não é um método, mas algo que deriva da própria dialética da natureza das coisas.

“Por ter criado o terceiro tempo da dialética (a síntese), Hegel é considerado o criador da dialética moderna, que mantém a contradição como configuradora da substância da realidade”. (CHINAZZO, 2013, p.121).

Logo, se trata de um aprofundamento do que conhecemos por realidade, uma apreensão interessante deste filósofo, seu olhar de como se configura a realidade, um movimento interno, transformação, vir a ser, um consenso nas oposições.

“A realidade não é apenas Ser, ela não é, por igual, apenas Não Ser. A realidade é uma tensão que se liga Ser e Não Ser” (CIRNE-LIMA, 1996, p. 19). Esta afirmação mostra a tensão percebida pelo autor, ‘Ser e Não Ser’, visualizando a dialética moderna produtora da tal tensão, a qual gera a realidade não estática, o vir a ser.

Conforme Ferreira, (2015, p.255), o pensamento hegeliano não é estático, está em constante superação:

Para Hegel, não existe dualidade entre o pensamento e as coisas como realidade. Isso significa que pensamento e realidade não são coisas distintas, mas equânimes. Mais do que isso, o absoluto é constante “vir a ser” e desenvolvimento; é a efetiva superação que promove o desenvolvimento qualitativo que visa a perfeição a cada manifestação. Eis a finalidade do vir a ser do absoluto. E a manifestação que

qualitativamente tende para a perfeição ocorre de maneira necessária e não contingente.

O autor acima citado, explica que há uma tendência, na percepção de Hegel, de que o pensamento busca perfeição, desenvolvimento de qualidade e efetiva superação. Assim necessariamente buscamos essa perfeição.

Ainda conforme Ferreira, (2015, p.255), quanto a dialética:

Quando entendemos as fases do movimento dialético, compreendemos como o espírito absoluto se manifesta. Como sabemos que o absoluto é constante movimento, então os passos da dialética têm de obrigatoriamente refletir tal atividade do vir a ser.

Dessa forma pode-se observar a dialética moderna e seu movimento, o movimento das oposições que constroem a síntese, o absoluto, a atividade constante do vir a ser.

Se é verdade que o primado do devir sobre o ser já havia sido afirmado há séculos por um filósofo como Heráclito, é igualmente verdadeiro que Hegel extrai consequências de fundo de tal compreensão que se corporificam em sua abordagem propriamente dialética. (RANIERI, resenhado por MARTINS 2011, p.176)

Assim, a abordagem propriamente dialética é de Hegel, já a criação do devir é de Heráclito, pensador pré-socrático. “Para ele o sábio tem condições de entender a dualidade e a contradição; já o homem comum não apresenta essa condição e, portanto, faz julgamento e toma partido, porque vê apenas uma parte”. (POLESI, 2014, p.40)

Partimos desta visão, ou seja, com este olhar, e observamos o seu nascedouro, quem forjou o pensamento inicial. Heráclito de Éfeso, este é detentor desse pensamento sobre a realidade, como devir, vir a ser.

Heráclito viveu na cidade de Éfeso, região da Jônia, por volta do ano 540 a.C. a 470 a.C. Descendente da família fundadora da cidade – portanto, com prerrogativas de sangue real -, o filósofo ficou conhecido por ter um caráter arrogante, desprazer a plebe e recusar seus direitos de participar na vida pública. (BRAGA JUNIOR, LOPES, 2015, p. 98)

Assim, observa-se de forma natural, o marco inicial desse pensamento, lá no berço da filosofia, à polis grega.

Heráclito é um dos principais pensadores pré-socráticos e defendia a tese de que a única coisa que permanece no ser é que nada permanece imóvel e fixo (nem o próprio ser). Esse é um aspecto fundamental da sua doutrina: tudo está em constante movimento, tudo se escorre, tudo se transforma, tudo muda, sendo que esse movimento constante se processa na luta entre os contrários. (BRAGA JUNIOR, LOPES, 2015, p. 99)

Desse modo, identificamos a luta dos contrários no pensamento de Heráclito, junto com a mesma percepção de constante movimento na realidade.

Outro pensador que usa a dialética nesse período é Demócrito:

Demócrito legou-nos uma ética considerada conservadora. Com aversão ao bizarro e ao obscuro, Demócrito, materialista, com alta credulidade em seu sistema racional, afirmava: “contenta-te com o mundo tal como é”. Acreditava que o homem é infeliz porque desconhece a natureza, porque não percebe a realidade que o cerca. (POLESI, 2014, p.33)

O referido pensador construiu seu caminho para felicidade dialeticamente, esboçando claramente este pensamento em sua ética.

Demócrito (citado por SIMÕES, 2015, p. 77), diz: “A alma é a sede da felicidade o equilíbrio (prazer e desprazer) da alma constitui essa felicidade.”, o pensador pré-socrático, via tensão entre as oposições, prazer e desprazer, formando a realidade do sentimento humano, a felicidade. Pensadores desse período se preocupavam em descrever o que é a felicidade, este a identificou no equilíbrio entre prazer e desprazer.

Um dos filósofos clássicos que também utilizou a dialética é Platão. O dicionário acima citado define que no Platonismo, a dialética evidencia os conceitos e classifica-os de modo a elevar o conhecimento sensível ao conhecimento inteligível.

“Em a República, Platão faz a diferenciação e sofisticada a teoria de dois mundos: o mundo material e o mundo das ideias. Isso pode ser melhor entendido com base em sua conhecida alegoria da caverna ou mito da caverna”. (SIMÕES, 2015, p. 84). Assim Platão usa o mito com fim pedagógico, colocando o mundo material e o mundo das ideias em oposição, mas este em detrimento daquele, logo o mundo ideal é o mundo das ideias, o qual poucos conhecem e se arriscam, o mundo dos filósofos.

Platão é um filósofo clássico que utiliza dos diálogos, como debates dialéticos, os quais possuem intencionalidade:

Platão formulou o conceito de dialética como método da divisão. Para ele, era uma técnica ou um método de pesquisa que necessitava da colaboração de duas ou mais pessoas. Era o método socrático de perguntas e respostas. (CHINAZZO, 2013, p. 120)

Logo, Platão usa o debate dialético em suas obras, fora o método de seu mestre Sócrates, mas não escapou de críticas de seu pupilo Aristóteles, este observou no debate hipóteses, bem como argumentos refutáveis:

O conceito de dialética como lógica do provável foi formulado por Aristóteles. Para ele, a dialética era simplesmente um debate racional não demonstrativo, em forma de silogismo, que são premissas prováveis, isto é, geralmente admitidas, e não verdadeiras. (CHINAZZO, 2013 p.120)

Dessa forma, pode-se observar que a dialética fora usada no passado, e que não escapou à crítica. Mas o que se observa como relevante nos clássicos é o uso dos diálogos, tão necessários nos dias de hoje.

Então o olhar dialético moderno, pode ser lançado para variadas obras, observe Kant e seu criticismo, racionalismo e empirismo formam os polos e o criticismo a superação:

O método kantiano é conhecido como criticismo, o qual coloca em questão o que se conhece, o que pode ser conhecido e o valor do conhecimento. Desse modo, Kant supera o empirismo e o racionalismo, denotando que o conhecimento não se origina somente da experiência ou da razão; ele é obtido por meio de juízos universais e da experiência sensível. (ENGELMANN & TREVISAN. 2015, p. 116)

Estamos na área da epistemologia, teríamos muito a se aprofundar, mas a título de introdução fora referido duas correntes epistemológicas, estas buscaram o fundamento do conhecimento, ou seja, seu princípio, e Kant observara uma superação dos embates entre experiência e razão, reunindo o que as duas correntes têm de bom, neste caso observa-se o consenso nas oposições.

Para a filosofia e para a educação, Kant deu uma importante contribuição ao refletir sobre como podemos saber ou adquirir

conhecimento. O filósofo superou as dificuldades epistemológicas (da teoria do conhecimento) a respeito da primazia da experiência (empirismo) ou da razão (racionalismo) na produção do conhecimento. (TRIGO, 2013, p.153)

Kant é um filósofo moderno, observamos um salto histórico considerável, mas não é o caso de esgotar o assunto, a proposta é apenas uma iniciação!

Marx criticou a dialética hegeliana, (citado por OLIVEIRA, 2012, p.118), “Critiquei a dialética hegeliana, no que ela tem de mistificação, há quase 30 anos, quando estava em plena moda”. Este observara uma teoria descolada da prática, essa era a maior crítica ao pensamento de Hegel.

[...] Marx fundou sua própria noção de uma antropologia materialista. Em que consiste a antropologia materialista? Marx diz que o método materialista de interpretação do homem não parte de conceitos elaborados mentalmente. O seu ponto de partida é a própria efetividade do real. Marx parte de pressupostos empíricos. (OLIVEIRA, 2012, p.118-119)

Mas, de que ponto de partida estamos falando? Um professor em sua prática necessita de ferramentas para construção do conhecimento. É necessário o entendimento da realidade para posterior transformação, aqui está a chave para uso ou não dessa ferramenta de ensino.

A crítica de Marx é boa e atual, professores de hoje se deparam com o mesmo problema, a dialética moderna é uma proposta para compressão da realidade, da mesma maneira proponho esta como ferramenta de construção, envolvendo também o aluno, valorizando suas reflexões e seus questionamentos, visando posterior prática. A intervenção ou não na realidade dependerá das escolhas daquele que a entende e possui propostas válidas para sua transformação.

Marx se apropria da dialética moderna e a aplica em seu entendimento de sociedade, observando uma luta de classes, onde opressor e oprimido são protagonistas antagônicos. A dialética materialista de Marx, vê as classes se relacionando apenas por necessidade, e que existe uma massa oprimida e expropriada.

Almeida, (2015, p.154) assim observa:

O Manifesto do partido comunista, texto de Marx e Engels (2011, p.40) descreve dessa forma categórica a existência histórica da luta de

classes: “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes”. Segundo esses autores, essa luta ininterrupta tem de um lado os opressores e, de outro, os oprimidos.

Dessa forma, Marx compreende dialeticamente a sociedade capitalista, colocando sua proposta de transformação, sua sociedade ideal.

Outro filósofo crítico de seu tempo é Nietzsche, seu olhar para o moral aponta para dois opostos, este traz da mitologia grega e romana dois deuses, Apolo e Dioniso, forjando dois conceitos opostos para “...como ele faz questão de afirmar, esse embate entre as duas divindades representa também o homem e sua natureza complexa”. (NOYAMA, 2016, p.173).

Apolo é o deus da luz, da racionalidade, da harmonia e da medida. É a representação máxima da elevação do espírito humano, porque nele se encerram as fraquezas e imperfeições dos homens. Por isso, ele é uma provocação para a busca mais elevada da experiência humana, na sua caminhada rumo à glória divina, ao limite das aspirações humanas. (NOYAMA, 2016, p.173)

O conceito apolíneo é a própria perfeição, em razão, justiça e em elevação do espírito humano, se apresenta como uma vida controlada e organizada.

Já o oposto ao apolíneo é o dionisíaco:

Dioniso, por sua vez, não tem se quer uma origem grega. Ele é a própria indefinição, ausência de certeza, a volúpia da natureza diante da medida, do controle e da racionalidade humana. Ele é tudo que Apolo não é. Melhor: ele afirma tudo que por Apolo é negado. (NOYAMA, 2016, p.174)

O referido autor aborda as duas divindades, estas representam o homem e sua complexidade, nossos sentimentos e desejos pendem a extremos. Sua crítica tomara de empréstimo o apolíneo e o dionisíaco, afirmando este em detrimento daquele, trazendo a discussão a formação do homem e seus valores. “...o tema que vai entrar em pauta é a formação do homem e dos valores da cultura ocidental”. (NOYAMA, 2016, p.173).

Conforme Noyama (2016, p.174), “Enquanto a força apolínea constrói e ordena, a força vibrante do dionisíaco deixa inacabado, como se tudo na vida e na natureza estivesse sempre por fazer”, Assim, Nietzsche critica as regras e a ordem e exalta a vida desregrada, o dionisíaco, propondo que a sociedade deveria optar por novo padrão.

Vários autores olharam a realidade e se propuseram a problematizá-la como vimos, essa é uma tarefa da filosofia, a epistemologia é um ramo da filosofia que se ocupa com a área do conhecimento, como a dialética é uma maneira de se aprofundar em determinados assuntos, tratamos como uma ferramenta de aprofundamento, por um lado explicando a realidade e por outro agindo na mesma. “A teoria do conhecimento permite que a metodologia possa analisar as condições e os limites de realidade dos meios de investigação e dos instrumentos linguísticos do saber científico” (CHINAZZO, 2013, p.33).

Então surge na contemporaneidade uma problematização tal, da teoria do conhecimento, que os elementos linguísticos são vistos como os portadores deste. “Atualmente, a epistemologia vem perdendo muito do seu significado tradicional. Para muitos analistas contemporâneos, o tema central não é mais o conhecimento, mas a linguagem e seus processos”. (CHINAZZO, 2013, p.33).

Assim abortamos no campo linguístico e sua interpretação, especificamente a hermenêutica. Hans-Georg Gadamer, pensador contemporâneo, expoente do círculo hermenêutico, que defende uma fusão de horizontes dentro da interpretação.

Gadamer combina a visão tradicional de círculo hermenêutico entre parte e todo com a de Heidegger, entre a pré-compreensão do interprete e o *interpretandum*. “Interpretar não é reconstruir na sua integridade um sentido preexistente à interpretação, mas recontextualizar o objeto da interpretação no horizonte do interprete” (Silva, 2012, p.58). O autor considera a compreensão como uma “fusão de horizontes” (MIRANDA, 2016, p.190, citado por SILVA, 2012, p.58).

O olhar é a dialética moderna encaixada na interpretação de Gadamer, na fusão de horizontes, interprete e texto se fundindo, os significados marcados na vida do interprete é o que chamam a atenção, trazem sentido, tocam o indivíduo.

Gadamer é um defensor das ciências humanas, aqui há um embate entre ciências naturais e ciências humanas, não é o caso, apenas focalizo a nível de introdução a vários desdobramentos que emergem e a multiplicidade de perspectivas.

[...]Gadamer defendeu que, nas ciências humanas, a forma de conhecimento é substancialmente diferente do ideal de método das ciências modernas. As ciências humanas oferecem a nós “não um conhecimento objetivo, mas uma multiplicidade de perspectivas sobre

a realidade, que constituem enquanto tal uma forma de conhecimento” (MIRANDA, 2016, p.191, citado por SILVA, 2012, p. 60)

Assim observamos o olhar dialético moderno, dentro do círculo-hermenêutico, já que a multiplicidade de perspectivas surge junto com a fusão de horizontes na interpretação, ampliando a cosmovisão, sob a ótica hegeliana.

Mas isso aponta para uma iniciação, a compreensão de realidade é ampla, então observe o tamanho da proposição a ser colocada:

Na concepção, universo espiritual e universo natural se interpenetram para formar um único e harmonioso universo que se retira nele mesmo e que, nesses lados, desenvolve o absoluto até a totalidade, para tornar-se autoconsciente de sua unidade, no pensamento. ((PLEINES, 2010, p.111- 112)

Assim nesse olhar, Hegel propõe o absoluto entre universo espiritual e o universo natural, muitos dos filósofos e grandes pensadores do passado, trataram a metafísica como a um inimigo, ramo da filosofia que deveria ser esquecida, abandonada, desprezada. Já Hegel nessas poucas palavras orienta a dialética moderna na direção de polos entre natural e espiritual, na idade média aconteceu uma ruptura, e esta pendeu para o mundo natural, a explicação do fenômeno, a filosofia da mente traz novo significa à fenomenologia:

A fenomenologia é um campo da filosofia fundado na primeira metade do século XX pelo filósofo alemão Edmund Husserl e teve seu desenvolvimento com outros filósofos, como Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre. No entanto, em filosofia da mente, a fenomenologia é algo mais restrito, e refere-se às qualidades, aos aspectos das experiências sensórias e emocionais que compõem o domínio subjetivo da consciência. (MENON, 2016, p.174)

‘Os *qualia*’ refere-se à subjetividade e esta corrobora com o pensamento hegeliano de união, note que na explicação de Menon (2016, p.175), e sua descrição de mundo completa:

Defender a existência dos *qualia* consiste em defender a existência de entidades não físicas. Logo, uma descrição em termos físicos do mundo não seria uma descrição completa ao deixar de fora entidades não físicas.

Um dos mais interessantes experimentos mentais sobre o problema dos *qualia* foi elaborado pelo filósofo australiano Frank Jackson (1943), basicamente em dois artigos: Epiphenomenal Qualia, de 1982, e What Mary Didn't Know, de 1986. (MENON, 2016, p.175)

Logo, o filósofo citado acima defende a existência dos *qualia*. Menon (2016, p.175), defende que a descrição de mundo completa, contempla entes físicos e não físicos, corroborando com Hegel. Será a retomada da metafísica como parte do conjunto que chamamos realidade?

METODOLOGIA

O presente trabalho é de cunho bibliográfico, e a pesquisa foi realizada através de leituras e pesquisas de textos que retratam e discutem o tema proposto.

A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (1991 p. 21), “quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros e artigos de periódicos e com o material disponível na Internet”. A mesma propicia uma nova reflexão e uma vasta possibilidade de argumentos a respeito da questão do liberalismo.

Para realizar esse trabalho a pesquisa bibliográfica foi fundamental, pois através dela é possível fazer um levantamento de argumentos e conceitos de estudiosos. Nesse sentido é relevante o levantamento e seleção dos conhecimentos já existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que Hegel olhara para realidade, observando-a passageira, na sucessão de indivíduos e nas civilizações anteriores. Do mesmo modo, imagens do cotidiano o fizeram refletir, como o florir e frutificar de uma árvore, assim este forjara a dialética moderna, observando uma tríade entre: tese, antítese e síntese, em que a síntese é a junção das anteriores que forma a nova tese, e assim sucessivamente.

A síntese nas oposições constitui uma compreensão da realidade, a de Hegel propõe aquela como passageira, em um constante vir a ser.

Sob o olhar dialético buscamos o berço deste entendimento, o qual têm como nascedouro um pensador pré-socrático, chamado Heráclito de Éfeso.

Pensadores antigos se preocupavam com definições, uma das buscas era: o que é felicidade, Demócrito descreveu que a felicidade se encontra no equilíbrio entre prazer e desprazer.

Um pensador clássico apontado foi Platão, este usou o debate dialético em suas obras, observou a realidade dividida entre dois mundos, o mundo das ideias, e o mundo sensível, o mundo sensível é passageiro, aquele perene, eterno. Usou do mito da caverna, ilustrando sua defesa, o mundo dos filósofos é o mundo ideal e este é o mundo das ideias.

Também fora citado Kant, influente pensador iluminista, este marcou seu tempo com seu criticismo, seu pensamento conciliou duas correntes antagônicas, empiristas e racionalistas, sintetizando o que têm bom nas duas correntes.

Da mesma forma, observamos Marx, crítico de Hegel, usou o olhar dialético para sociedade, as classes sociais se dividem entre opressores e oprimidos, a necessidade material que promove o contato entre ambos, criticando assim o capitalismo, propondo então o marxismo.

A seara do conhecimento é estuda, esta define-se como epistemologia, ela atinge na contemporaneidade a linguística, um pensador dessa área conhecida como círculo-hermenêutico, é Gadamer, ele usa de um expediente para observar a interpretação, este contém uma fusão de horizontes. Com o olhar dialético moderno, observamos a interpretação gadameriana, e esta contém a síntese hegeliana.

Todos esses assuntos compõem uma gama enorme de novos aprofundamentos necessários. Esta apreensão de realidade é própria de Hegel, para ela ser descrita de forma completa, nosso referencial aponta para metafísica, como uma visão completa da realidade, está fora abandonada no passado e colhemos frutos desse abandono. Será o momento de retomarmos os caminhos da metafísica, como proposto na filosofia da mente?

A dialética moderna é uma proposta de ferramenta para o professor de filosofia, observe que a pergunta inicial é retórica, dependerá exclusivamente do interprete leitor a resposta.

Também aqui é um recorte, o assunto não está encerrado, alguns autores não foram abordados, estes têm textos partindo da dialética, como Adorno e a dialética negativa, Caio Prado Júnior, brasileiro que escreveu a dialética do

conhecimento. Do mesmo modo a dialética, parte do Trívio, envolvendo o ensino na Idade Média, nem fora citada.

Fizemos uma pequena introdução no pensamento historicamente construído, constituindo uma pequena pincelada, cada pensador possui um conjunto enorme de colaborações, pinçamos a dialética moderna de Hegel e viajamos na história, que tal passearmos sob outro olhar?

Dessa forma podemos retornar ao berço da filosofia e abordarmos outro autor antigo que observara a realidade como estática, vir a ser não existe, o que existe é o ser, e este é Parmênides.

Então, qual é a nossa percepção de realidade? E, será a dialética uma ferramenta de ensino?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C. S. **Filosofia política**. Curitiba: InterSaberes, 2015. (Série Estudos de Filosofia).

BRAGA JUNIOR, A. D.; LOPES L. F. **Introdução à filosofia antiga**. Curitiba: InterSaberes, 2015. (Série Estudos de Filosofia).

CIRNE-LIMA, C. R. **Dialética para principiantes**. Porto Alegre: Edipuc, 1996.

CHINAZZO, S. S. R. **Epistemologia das ciências sociais**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. Disponível em:
<https://dicionariodoaurelio.com/dialetica> Acesso em:10/10/2016

DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE. Disponível em:
<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=GWD3> Acesso em: 10/10/2016

ENGELMANN, A. A.; TREVISAN, F. C. **Leitura e produção de textos filosóficos**. Curitiba: InterSaberes, 2015 (Série Abordagens Filosóficas em Educação).

FERREIRA, F. L. **História da Filosofia Moderna**. Curitiba: InterSaberes, 2015, (Série Estudos de Filosofia).

MARTINS, M.V. **Trabalho e dialética: Hegel, Marx e a teoria social do devir.** Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, 176 p. Trab. educ. saúde vol.11 no.2 Rio de Janeiro May/Aug. 2013. Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil <mauriciovieira9@gmail.com> Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462013000200012. Acesso em: 30/09/2016.

MENON, Walter. **Filosofia da mente.** Curitiba: InterSaberes, 2016. (Série Estudos de Filosofia).

MIRANDA, L. F. S. **Introdução Histórica à filosofia das ciências.** Curitiba: InterSaberes, 2016. (Série Estudos de Filosofia).

NOYAMA, S. **Estética e filosofia da arte.** Curitiba: InterSaberes, 2016. (Série Estudos de Filosofia).

OLIVEIRA, R. C. **Antropologia filosófica.** Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série Estudos de Filosofia).

PLEINES, J. E. **Friedrich Hegel.** Tradução Sílvio Rosa Filho (Org.). Recife: Massangana, 2010. Fundação Joaquim Nabuco (Coleção Educadores).

POLESI, R. **Ética antiga e medieval.** Curitiba: InterSaberes, 2014. (Série Estudos de Filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR.)

RAMOS, C. Professor adjunto do departamento de filosofia do programa de pós-graduação em filosofia.

PRADO, C. **Razão e Progresso na Filosofia da História de Hegel**
___Artigo. **R. Mest. Hist., Vassouras, v. 12, n. 2, p. 99-114, jul./dez., 2010**

Disponível em:

http://www.uss.br/pages/revistas/revistaMestradoHistoria/v12n22010/pdf/005Razao_Progresso.pdf. Acesso em: 13/10/2016

SIMÕES, M. C. **Os caminhos da reflexão metafísica fundamentação e crítica.** Curitiba: InterSaberes, 2015. (Série Estudos de Filosofia).

TRIGO, L. G. G. **Pensamento filosófico um enfoque educacional.** Curitiba: InterSaberes, 2013. (Série Abordagens Filosóficas em Educação).